



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CIDADES E SOCIABILIDADES: AS TRAMAS DO ESPAÇO URBANO NA DINÂMICA DO MOVIMENTO “OKUPA” DE BARCELONA

Leandro Viana

Universidade de Coimbra

Programa em Cidades e Culturas Urbanas

Orientador: Carlos Fortuna

As cidades e os seus espaços públicos englobam atualmente um leque de diferentes modos de usos, concepções teóricas e abordagens práticas. Especialmente quando tratam das constantes metamorfoses ocorridas no espaço urbano em função dos processos de urbanização e das diferentes relações sociais, culturais, políticas e econômicas que ocupam lugar nestes espaços.

Aprimorar o espaço urbano contemporâneo para as mais diferentes sociabilidades é algo que envolve um grande desafio, seja nas “cidades globais” como nas denominadas¹ “cidades mundiais”. Sobretudo quando as pesquisas apontam para um considerável crescimento da população urbana, podendo a mesma ser duplicada de 3.3 bilhões em 2007, para 6.4 bilhões em 2050 (UN, 2008). Nestes contextos muitos questionamentos se fazem quanto às diferentes formas de urbanismo e de governo urbano colocadas em prática por diferentes políticas territoriais.

As análises efetuadas por diferentes campos do conhecimento ajudam a compreender como a trama urbana e as suas funções, durante séculos, se foram remodelando conforme as necessidades e interesses de diferentes indivíduos, grupos e instituições.

Alguns estudos apontam que o modelo de crescimento urbanístico das cidades brasileiras revela que a exclusão territorial que define a cidade é muito maior do que a

¹ Os conceitos de cidade “mundial” ou “global” aludem ao papel que tais cidades ocupam numa economia altamente interdependente: sedes de conglomerados multinacionais, pólos de instituições financeiras, produtoras e/ou distribuidoras de determinados serviços, informações e imagens, que constituem os nós da ampla rede que também já é conhecida, num mundo globalizado, como “sistema mundial” (MAGNANI, 2002; SASSEN, 1999; BORJA, 1995).



expressão das diferenças sociais e de renda. Na realidade este modelo atua como uma engrenagem da máquina de crescimento que ao produzir cidades, reproduz desigualdades (ROLNIK, 2008, p. 10). Constituirá este crescimento urbano um desafio para as próximas gerações? É possível imaginar um urbanismo solidário, tolerante, sobretudo que respeite as diferenças dos múltiplos usos dos espaços urbanos?

Compreender as diferentes dinâmicas de usos dos espaços públicos contemporâneos, através dos contributos da sociologia urbana permitiu ensaiar uma reflexão articulada sobre as diferentes formas de sociabilidades e modos de usos para os espaços urbanos, na experiência coletiva de luta de movimentos sociais que pregam por “outros” processos de promoção e utilização destes espaços.

Para tanto, os elementos existentes na dinâmica de apropriação e uso do espaço urbano articuladas pelo movimento Okupa² de Barcelona contribuíram no desenvolvimento dos resultados aqui obtidos. De início, este movimento estendeu-se em diferentes cidades espanholas como Barcelona, Madrid, Zaragoza, Valência e Bilbao, reivindicando melhores condições de acesso a moradia e no desenvolvimento de atividades culturais com independência das instituições estatais formais (LOPEZ, 2007). Posteriormente uma mixagem de atividades culturais e um amplo universo de protagonistas veio a ampliar a sua rede de articulação política. Mas antes de adentrar nas especificidades deste movimento urbano será preciso iniciar algumas reflexões sobre as desigualdades identificadas nos meandros dos processos de urbanização do espaço urbano contemporâneo.

Não coube aqui desmontar todo o amplo universo que envolve o planejamento urbano, mas sim encontrar neste diálogo os motores que impulsionam as cidades a construir espaços visivelmente desiguais.

Atualmente muito daquilo que se escreve sobre a melhoria do ambiente urbano, seja na arquitetura, na mobilidade e na segurança das grandes cidades, recorda a algum tipo de ideologia ou planejamento urbano. Obras conhecidas e consagradas relacionam a

² Escrito com a letra k, para diferenciar as suas ações de outras ocupações, remetendo ainda para uma aproximação à cultura Punk (RUDY, 2010).



vida nas cidades com uma percepção crítica das diferentes ideologias urbanísticas (LEFEBVRE, 2001). Outras interligam espaço, cultura e poder (ZUKIN, 2000). Na obra de Milton Santos (1997), o debate intrigante constitui nas diversas metamorfoses do espaço urbano tendo como base a queda de braço entre dinheiro e território. Mas o fato é que dentro e fora do universo acadêmico se encontram as chaves para o entendimento dos conflitos, sobretudo na maneira como se estabelecem as transformações dos processos de urbanização.

Se questionarmos a maneira como consumimos o espaço urbano certamente iremos perceber a influência direta ou indireta de diferentes programas urbanísticos, seja de revitalização, requalificação ou patrimonialização. Na trama urbana, uma quantidade destes programas acaba por mascarar uma *gentrification*³, que contribui na produção e promoção do espaço urbano.

De certo modo, cada comunidade e cada período histórico formulam a sua própria forma de vivenciar o espaço. E atualmente boa parte do conjunto de exclusões sócio-espaciais do ambiente da cidade, sobretudo no que respeita ao acesso e uso do espaço urbano, remonta ao processo de dominação da economia e da globalização neoliberal⁴.

Em horizontes mais delineados ao retomar as reflexões existentes entre o dinheiro e o território, Milton Santos (1999) apresenta uma importante percepção. De acordo com o autor, a transformação da “razão do uso” do solo em “razão de troca” favorece o entendimento dessa realidade. O autor analisa que num primeiro momento existiu um dinheiro local, expressivo, de contextos geográficos e horizontes comerciais limitados, apenas com circulação local, ou quase. Com isso, o funcionamento do território ligava-se

³ Expressão utilizada por diversos autores (Smith, 1996; Harvey, 1992; Zukin, 1995), para indicar as formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos privados. Mas as práticas de *gentrification* não se referem apenas a empreendimentos econômicos que visam otimizar o potencial de investimentos em áreas centrais; referem-se sobretudo à afirmação simbólica do poder mediante inscrições arquitetônicas e urbanísticas que representem visualmente valores e visões de mundo de uma nova camada social que busca apropriar-se de certos espaços da cidade (LEITE, 2007: 63-64).

⁴ De acordo com Boaventura de Souza Santos (2001: 8) O neoliberalismo não é uma nova forma de liberalismo, é na verdade, o conservadorismo. Ao contrário do liberalismo, é hostil a concessões. Portanto, é um *neo* ao conservadorismo porque não quer concessões dos direitos às classes populares.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

às suas feições naturais, as quais eram ao mesmo tempo o resultado desse afeiçoamento do corpo à natureza, de tal maneira que a tecnicidade a partir dos objetos fabricados além do corpo era limitada. Dito assim, o valor de cada pedaço de chão era-lhe atribuído pelo seu próprio uso.

Ao longo do tempo e com o alargamento das trocas e do comércio, havendo um maior número de objetos e de valores a trocar, bem como com a interdependência crescente entre as sociedades, o dinheiro vai-se complexificando e inaugura uma trajetória como elemento de informação e regulação (*idem*). Com este complexo cenário, tudo tende a tornar-se objeto de troca. Deste modo, a primazia do papel do uso desloca-se para o de troca. Assim sendo, o papel que a troca começa a assumir gera uma enorme mudança na história dos lugares e do mundo. Assim, o dinheiro cria a sua lei e a impõe aos outros, forçando mimetismos, adaptações, rendições, a partir de duas outras lógicas complementares: a das empresas e a dos governos mundiais (SANTOS, 1999, p. 5-13).

Outras perspectivas tratam o assunto em termos do advento da industrialização. Esse processo constitui, desde há um século e meio, um dos motores das transformações da sociedade. Mas é preciso lembrar que a cidade pré-existe à industrialização. Se distinguirmos o indutor e o induzido, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação (LEFEBVRE, 2001).

Denota-se também que uma boa parte das análises que tratam das desigualdades sócio-territoriais produzidas nas cidades, gira em torno das desterritorializações. Este conceito pode fazer referência tanto às deslocalizações de grandes firmas, corporações transnacionais, especialmente as multinacionais, quanto à crescente homogeneização cultural do planeta.

Contudo, as cidades contemporâneas revelam lutas além daquelas objetivadas pelo mercado financeiro. Tal como a luta de atores pelo reconhecimento das suas práticas e modos de usar o espaço urbano assentes em outras dinâmicas que não somente aquelas representadas como “Cidades do Consumo” (CANCLINI, 1999). Assim, a tarefa de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

decomposição crítica das teorias que concebem os espaços urbanos, sejam espaços públicos, privados, vazios e/ou abandonados, exigem a necessidade de uma análise comprometida, quer pelas manifestações de um recuo da cidadania, ou do emuralhamento da vida social (GOMES, 2002), quer ainda pela oposição de identidades territoriais através dos enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), ou inclusive pela identificação dos modos de subjetividades que foram sendo construídos na relação entre indivíduos e sociedades (FORTUNA, 1997).

Portanto neste trabalho é possível identificar que os cruzamentos analíticos expressivos desenvolveram-se em torno dos conflitos urbanos e da sua relação com os movimentos de luta pelo espaço das cidades. E contaram com o apoio de uma “experiência etnográfica” entendida nesta pesquisa como “uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para explicar a lógica de sua visão de mundo, mas para segui-los até onde seja possível” (LATOUR, 2005) e, numa relação de troca, contrastar as suas próprias teorias com as deles, e assim tentar gerar um modelo novo de entendimento ou, pelo menos, uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009).

Logo foi possível perceber que em meio aos diversos usos do espaço urbano, além daqueles onde dominam a função hegemônica do consumo (shoppings, centros comerciais,) e o funcionamento da mobilidade urbana (ruas, avenidas, praças), quase inexistem outros espaços, especialmente gratuitos e capazes de oferecer pequenas atividades cotidianas, tais como práticas culturais, artísticas, desportivas, etc.

Na realidade, nos últimos anos, nota-se uma intensificação dos processos que possibilitam uma integração das cidades nos circuitos do capital multinacional, bem como espaços articulados com as redes da globalização financeira e simbólica (SASSEN, 1999). Tal exploração capitalista do espaço urbano atualmente produz marcas visíveis no cotidiano de milhares de pessoas.



Sob o prisma do olhar crítico, alguns cidadãos andam a deriva, suscitando apenas a indiferença das multinacionais, muito mais preocupadas em produzir o máximo possível, com a menor mão-de-obra e a maior isenção de impostos. Ficam inclusive à margem dos processos de planejamento urbano que, por vezes, insistem em desconsiderá-los como cidadãos protagonistas da construção sócio-espacial das cidades.

Este formato desigual de acesso ao planejamento das cidades, que por vezes se estende aos serviços, equipamentos e transportes criam não só diferentes conflitos urbanos como também invisibilidades e segregações sócio-espaciais.

Um conjunto amplo de propostas para o (re) ordenamento urbano surge para contrariar este cenário. Algumas destacam a criação de formas mais harmoniosas e favoráveis a sociabilidade dos espaços públicos. Outras continuam a fomentar novas relações hierárquicas e econômicas deste espaço. E no conjunto que abrange ambas as realidades, surge uma gama de idéias e ações para contribuir no entendimento das transformações que se constatarem na relação entre sujeito e espaço.

O que se apresenta é que na dinâmica da urbanização acelerada, seja nas cidades da América Latina, como Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, ou na “cosmopolita” Barcelona, algumas semelhanças existem entre os usos e desusos do espaço urbano. Nas palavras de (MAGNANI, 2002) todas essas cidades assemelham-se, não apenas pelas funções que exercem, mas pelos equipamentos e instituições que possibilitam o seu exercício.

Desafios para o espaço urbano inutilizado

Considerando que cada vez mais atribuímos valores diferenciados as nossas estruturas edificadas e aos elementos da natureza que balizam os territórios (ARANTES, 2009) o que podemos entender aqui sobre os espaços urbanos vazios e/ou em desuso nas cidades?



Os vazios urbanos estendem-se pelos empreendimentos que um dia foram desativados (MENEGUELLO, 2009), ou sofreram a ação do tempo e, com a conseqüente degradação natural, se transformaram em zonas consideradas mortas na cidade.

No Brasil, a formação destes espaços vazios esteve ligada à desconcentração e à reestruturação industrial, como também ao declínio dos ciclos econômicos e à exurbanização das atividades industriais (*idem*). Neste sentido, o vazio urbano está associado às alterações nas formas de produção, na ocupação dos espaços anteriormente dedicados a atividades industriais (moinhos, fábricas) ou ao escoamento da produção (rede ferroviária, ou área portuária). A lista de espaços vazios parece não se circunscrever a este perímetro, podendo abranger os empreendimentos que foram desativados, quer pela ação do tempo e da degradação natural, ou por se encontrarem em desuso.

Atualmente não é uma tarefa difícil encontrar edificações vazias e inutilizadas em centros urbanos. Eles podem consistir em prédios vazios e ociosos, galpões abandonados, lotes inteiros que, por um motivo, ou outro, se desvalorizaram, ou aguardam a revalorização através da especulação imobiliária. Tal realidade configura-se como um verdadeiro embate urbano que precisa ser corrigido. Os vazios urbanos são muitas vezes considerados desprovidos de valores e usos. Poucos cidadãos se atrevem a imaginar para estes espaços novos usos, assente em práticas múltiplas, que não consistam apenas naqueles orientadas para as atividades econômicas.

Para ultrapassar este cenário talvez seja importante observar assim como o fez Guy Debord (2003) desenvolvendo uma análise crítica acerca da espetacularização da vida na sociedade⁵ através dos modos dominantes de produção e consumo. Estes processos oferecem um verdadeiro espetáculo malicioso da racionalidade deste sistema, na qual boa parte da população vive atualmente. O espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente, é o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores (DEBORD, 2003).

⁵ Versão eletrônica produzida pelo Coletivo Periferia. Ver mais em: <http://www.geocities.com/projetoperiferia> - consultado 05.03.10



É possível imaginar que os espaços vazios na cidade podem ser recriados com novas sociabilidades? Para contrariar a falta de alternativas à precariedade dos espaços urbanos, seja para a prática de atividades culturais, ou para acolher outros modos de usos, faz-se necessário ampliar o canal de diálogo com os diferentes representantes destes espaços, visando aproximar as soluções dessa (i) lógica urbana.

Ao escrever sobre “Um Sentido Global de Lugar”, Doreen Massey (2000), coloca-nos a seguinte interrogação: Podemos repensar o nosso sentido do lugar? A autora ressalta que muito daquilo que se escreve ao falar sobre o espaço, o lugar, e os tempos pós-modernos, enfatiza uma nova fase daquilo que Marx uma vez denominou “a aniquilação do espaço pelo tempo”. O capitalismo e o seu desenvolvimento, por vezes determinam a nossa compreensão e experiência do espaço. Porém, não é só o capital, entre muitas outras coisas, que influencia claramente essa experiência. A autora acredita que o alargamento da noção sobre os lugares urbanos, exige, que, ao invés de se conceber os lugares como áreas com fronteiras ao redor, se imaginem os mesmos como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se construa numa escala muito maior do que aquela que habitualmente utilizamos. Desse modo, a ampliação deste cenário poderia contemplar um sentido de lugar que seja virado para o exterior, e que inclua uma consciência das suas ligações com o mundo mais amplo, integrando de forma positiva o global e o local.

Sociabilidades urbanas insurgentes

A transformação do espaço urbano de Barcelona se destaca no cenário das grandes cidades. A Cultura ocupou lugar de destaque entre as principais tendências em matéria de políticas urbanas de regeneração, desenvolvidas desde os anos setenta em cidades da Europa ocidental, tendo um importante papel na regeneração de Barcelona (BALIBREA, 2003). Uma cidade assediada pelo turismo internacional e por um conjunto de aspectos que se relacionam principalmente com o capitalismo financeiro internacional



que descobriu neste território uma fonte de enriquecimento, inspirado em converter a capital catalã em um artigo de consumo com uma sociedade humana dentro (DELGADO, 2007, p. 52).

Frente a este cenário, quais seriam as alternativas de enfrentamento as desigualdades sócio-espaciais utilizadas pelos movimentos sociais urbanos que combatem a exclusão e a segregação territorial presentes na crise urbana? Quais as experiências e saberes por parte destes movimentos podem servir para diminuir a situação desigual daqueles que são excluídos dos padrões mínimos de qualidade de vida na cidade?

Para aprofundar nas respostas foi preciso ir ao encontro de uma experiência coletiva de ocupação do espaço urbano que tem se destacado no contexto europeu – o movimento *Okupa*.

Nas cidades espanholas, o movimento de *okupação* surge por volta da década de 1980, precisamente quando acontece a primeira crise importante do movimento de bairro e cidadão (LÓPEZ, 2007), que protagonizou grande parte do período de transição do regime ditatorial para o regime democrático. Os ativistas *okupas* eram fundamentalmente jovens que colocaram em prática estilos de vida e ideais que se haviam propagado durante as décadas anteriores por outros países europeus, também conhecidos como *squatters*⁶

Este coletivo tem sido popularizado pela imprensa espanhola para denominar os grupos de pessoas, normalmente de jovens que, organizados, ocupam casas vazias, fábricas e barracões abandonados (SILVA, 2008) e por extensão, espaços urbanos em desuso.

O movimento de *okupação* na cidade de Barcelona compreende tanto a okupação de casas vazias para habitação coletiva, quanto de imóveis como barracões e indústrias abandonadas, destinados geralmente a servirem como Centros Sociais Okupados e

⁶ O Movimento *squatter* nascido na Europa durante a década de 1960 - envolto pelo fervor da contracultura - práticas associadas ao ato de *okupar* que buscam uma oposição à cultura dominante, especialmente nas formas de produzir, consumir, relacionar-se socialmente e decidir politicamente (LÓPEZ, 2007).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Autogestionados - (CSOA). Optou-se aqui uma análise focalizada nos espaços destinados a servirem de CSOA. A razão para tal recorte analítico se deve ao fato dos CSOA adquirirem outros usos e funções, além da habitação, e uma forma de organização política relevante no cenário de transformação dos espaços urbanos vazios e inutilizados.

Neste espaço *okupado* ocorre diariamente a prática de diferentes oficinas gratuitas, sendo elas: oficinas de dança (hip-hop, flamenco, break) música (percussão), teatro, fotografia, escultura, exposições, oficinas circenses (trapézio, malabares, acrobacias) yoga, shiatsu, equilíbrio corporal, massagem, costura, oficinas de recreação infantil, intercâmbio de conhecimentos, oficina de alimentação e preparação de alimentos saudáveis, oficinas desportivas, capoeira, aikido, ensino de idiomas, além de espaços equipados com mesas de ping-pong, espaços de convívio, entre outros.

Contribuem ainda para impulsionar as engrenagens do movimento *okupa* a reivindicação e denúncia política de um uso “anti-social” de tantas edificações vazias (ARGILÉS & LOPÉZ, 2004) e o desejo de encontrar modos de vida alternativos àqueles proporcionados pela dominante sociedade de consumo. Soma-se a isto uma ausência de perspectivas em termos financeiros por parte da juventude, para iniciarem uma vida independente, tendo em vista a grande dificuldade de acesso à habitação e aos espaços de lazer na cidade.

Este movimento urbano resulta da ação de diferentes atores sociais que diariamente reinventam as suas dinâmicas e cotidianos, superando obstáculos materiais como a falta de água, eletricidade, eletrodomésticos, (tão indispensáveis para muitas realidades), bem como outros problemas ainda mais graves, tais como falta de emprego, oportunidades de lazer e especialmente, a inexistência de perspectivas futuras.

A organização de atividades culturais e artísticas, incluindo os debates e protestos sobre diferentes temas relevantes à dinâmica cidadina acabam por integrar este movimento noutras redes de movimentos sociais, conferindo a este uma composição mista de ativistas. A pluralidade de pessoas, usos e convivências, tem estimulado o debate via assembléia contra as práticas autoritárias de poder no uso do espaço urbano,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

favorecendo a criação de espaços de liberdade para expressões culturais potencialmente solidárias e educativas.

No caso das localizações urbanas que fomentam os movimentos de okupação constituem de espaços apelativos para a prática de especulação imobiliária (LOPEZ, 2007) e podem incluir centros históricos urbanos, áreas de reconversão industrial, fábricas vazias, zonas de renovação urbana com “grandes projetos” terciários ou residenciais, como também bairros periféricos ou recentes, barracões industriais, escolas, quartéis, igrejas e instalações ferroviárias.

Será que este movimento de *okupação* poderia ser compreendido enquanto movimento urbano que questiona e oferece alternativas de usos, ou “contra-usos” (LEITE, 2007) aos espaços urbanos vazios? A resposta virá com o tempo, no entanto é possível apontar que, “nas ações relacionadas com a residência temporária, a linguagem “ocupas” tende a ser “naturalizada” e descarregada da sua negatividade à medida que a “criação” de *espaços temporariamente urbanos* tende a ser concertada com os poderes públicos e os proprietários (FORTUNA, 2009). É essencial compreender como a dinâmica dos espaços ocupados, ou CSOA, podem favorecer diferentes sentidos e modos de uso destes espaços, imprimindo novas práticas, funcionalidades e o reconhecimento de “outros” usos do espaço urbano em questão.

A dinâmica das atividades dos CSOA revela novos e surpreendentes olhares sobre a juventude urbana, e demonstra que a heterogeneidade de atividades sócio-espaciais e políticas colocadas em práticas no CSOA, só é possível devido à participação e à autonomia desse movimento urbano. Um ambiente de “Identidades Nômades” (LÓPEZ, 2008) que favorece o surgimento de uma transversalidade de sentidos e usos para o lugar.

Atualmente é possível identificar, apesar dos diferentes contextos, que as experiências alternativas de promoção e utilização do espaço urbano vazio, semelhantes à encontrada nos CSOA de Barcelona, emergem no tecido urbano de diferentes países como Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Brasil, Chile.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O início de uma alteridade do espaço capaz de imprimir novos usos na dinâmica cultural de uso do ambiente urbano. Mas é preciso avançar ampliando os conceitos e horizontes do uso do espaço urbano, ultrapassando a (i) lógica do consumo mercantil dos lugares e utilizando da experiência destes movimentos urbanos.

A repressão e a estigmatização - sobretudo, pelos meios de comunicação em massa que contribuem fortemente para denegrir o movimento de *okupação* e reforçar a repressão vivida pelos seus atores coletivos (LÓPEZ, 2007) – estão a dificultar a difusão pública de projetos contra-culturais bastante comuns nas *okupações*, tais como, música alternativa, atividades de formação social e política, autofinanciamento de coletivos e pessoas *okupantes*, ecologia urbana, cybercultura, redes de troca e solidariedade com imigrantes, etc.

Dentro do espaço urbano das grandes cidades amontoam-se os lugares sociais visivelmente inutilizados. As causas ocultas são múltiplas. E muitas vezes, conta-se com o entendimento superficial que os meios de comunicação em massa intentam obter. Verifica-se inclusive que os interesses e as fronteiras movediças que cercam esses espaços urbanos necessitam de um olhar mais próximo da realidade vivida, do que aquele revelado nas representações construídas “de fora” sobre estes lugares.

Novos horizontes na pluralidade dos espaços urbanos

No desafiante léxico de promover cidades e espaços urbanos mais solidários mantém-se acesa a esperança de uma alternativa para a organização sócio-espacial que ultrapasse as barreiras funcionalistas e mercantis de utilização do espaço urbano e incida especialmente sobre a dimensão da experiência de vida e da percepção dos diversos lugares da cidade. Constata-se que a conjugação dessa visão é debatida nas contribuições dos diferentes autores, (SIMMEL, 1997; BENJAMIN, 1994; 2000; MASSEY, 2000; FORTUNA, 2009; LEITE, 2009) dentre outros.



Encontrar uma interpretação alternativa para os espaços públicos vazios e inutilizados em diferentes cidades possibilitaria a percepção e o alargamento da noção sobre os lugares urbanos, reconhecendo que existem dinâmicas coletivas que emergem e ocupam tais espaços com diferentes atividades e modos de vida. O fato é que analisar o espaço enquanto expressão da estrutura social resulta em estudar sua modelagem pelos elementos do sistema econômico, político e ideológico (CASTELLS, 2006), assim como pelas combinações e práticas sociais que decorrem dele. Desse modo, questionar as ideologias excludentes de produção e distribuição do espaço urbano torna-se indispensável no exercício de emancipação do conhecimento acerca dos processos de urbanização.

Na pintura das relações sociais que se estende cada vez mais pelo espaço, as lutas sociais em torno dos problemas da cidade, sobretudo dos modos de planificar e dinamizar o uso do espaço urbano, surge como importante ferramenta de diálogo desta relação. As relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até internacional (MASSEY, 2000). Visto assim, o que confere especificidade a um determinado lugar não é uma história longa e internalizada, mas o fato de este se construir a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam.

Ao que tudo indica neste cenário, atualmente se encontram insuficientes os mecanismos do Estado que são verdadeiramente capazes de dialogar com as diferentes experiências coletivas que buscam emancipar os espaços urbanos. Estamos próximos de perceber quais são os horizontes e as inovações urbanísticas que poderiam contemplar uma cidadania ampla e fomentar novos usos para o espaço urbano das cidades, especialmente aquelas sob ritmos acelerados de globalização? Referimo-nos a horizontes que concebam a cidadania como uma realidade material, e não apenas como um reconhecimento formal, onde o espaço público, mesmo com as suas centralidades, mobilidades e acessibilidades (BORJA, 2005), ceda lugar a espaços funcionalmente diversificados, com sentido cultural e político capaz de dar visibilidade e reconhecer as mais diversas expressões culturais, coletivas ou individuais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os reflexos da relação entre o espaço urbano e os movimentos sociais que lutam pelo seu uso irão revelar que é preciso avançar no diálogo e ter cautela para evitar as contradições no conhecimento produzido sobre as cidades e os processos de urbanização. É indispensável estar atento ainda para não colocar as “idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias” (MARICATO, 2000) quando o assunto é urbanismo.

A utopia da cidade ideal nem sempre é capaz de abranger as metamorfoses do urbanismo atual. Por fim, torna-se patente a necessidade de encontrar um equilíbrio entre aquilo que se apresenta enquanto produção teórica sobre os modos de usos do espaço urbano, e a análise da dimensão subjetiva atribuída a estes espaços. Algumas alternativas existem e resistem a todo este cenário contemporâneo. E de maneira surpreendente imprimem novos diálogos, sentidos e usos ao ambiente urbano das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. Patrimônio cultural e cidade, in: Carlos Fortuna (org.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. 11-24.

ARGILÉS, R A & LÓPEZ, M. M (coord.) *¿Dónde están las llaves? El movimiento okupa: prácticas y contextos sociales*. España. ed: Catarata, 2004.

BALIBREA, M. P. *Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial*, in: Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra: CES. nº 67, 2003, 31-54.

BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2000

BORJA, J. *Prefacio - Un modelo de transformación urbana*, in: Borja J. (ed.) Barcelona. Quito Programa de Gestión Urbana (PGU-LAC), 1995.

BORJA, J. *La Ciudad Conquistada*. Madrid. Alianza Editorial, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: editora 34, 2000.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 3ª ed.
- DEBORD, G. *A Sociedade do espetáculo*. Fonte digital base: edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia. pág. consultada em 06.03.10. 2003.
- DELGADO, M. *La ciudad mentirosa: "Fraude y miséria del 'Modelo Barcelona"*. Madrid. Editorial: Catarata, 2007.
- FORTUNA, C; Leite, R. P (orgs.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009.
- FORTUNA, C. Destradicionalização e imagem da cidade – “o caso de Évora”, in: Carlos Fortuna (org.), *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta, 1997. 231-257.
- GOMES, P. C. C *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand – Brasil, 2002.
- LEFEBVRE, H. *O direito à Cidade*. São Paulo: Ed.Centauro, 2001.
- LATOUR, B. *Reassembling the social. An introduction to actor-network-theory*, Oxford, Oxford: University Press, 2005.
- LEITE, R P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da UniCamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.
- LÓPEZ, M. M. *Identidades nômadas en el movimiento okupa en España. Sociedad y Utopia*. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. n°. 32, 2008. 341-367. Consultar: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=150234>.
- LÓPEZ, M. M. *El Movimiento de Okupaciones: Contracultura Urbana y Dinâmicas Alter-Globalización*. Revista de Estudios de Juventud. n° 76, 2007. 225-242.
- MAGNANI, J. G. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, vol 17 No 49, 2002. 11-29.
- MARICATO, E. *As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias*. In: Arantes, O. et al. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MASSEY, D. *Um Sentido Global do Lugar*, in: Antônio Arantes (org.), *O espaço da diferença*, Campinas, Papius. 2000,
- MENEGUELLO, C. *Espaços e vazios urbanos*, in: FORTUNA, C; LEITE, R. P. (orgs), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. 127-138



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SANTOS, B. S. Exposição realizada no Seminário: “*Estudos Territoriais de desigualdades sociais*”, 16 e 17 de maio, no auditório da PUC/SP. 2001

SANTOS, M.. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 5ªed, 2001.

SANTOS, M. “O Dinheiro e o território”. in *Geographia*. Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF. Ano 1, No. 1, 1999. pp. 5-13.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço habitado*. 5º ed. São Paulo: Hucitec, 1997

SILVA, P. C. *Espaços Okupas em Barcelona e a comunicação na Cidade*. Revista Signo y Pensamiento, nº 53 · volume XXVII, 2008. p. 140-161.

SIMMEL, G. *A Metrópole e a vida do espírito*, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta, 1997. 31-43

ROLNIK, S. A lógica da desordem. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo. Ano 2, nº13. AGO, 2008.

RUDY, C. Nas Entranhas da(s) Cidade(s): Resistências à organização capitalista da vida urbana. *Revista eletrônica História Agora: Revista de História do tempo presente*. Rio de Janeiro. 2010 consultado em 24.04.10.ver mais em:
http://www.historiagora.com/dmdocuments/ha8_artigo_cleberrudy.pdf

SASSEN, S. *The Global City*. Princenton: Princenton University Press, 1999.

UNITED NATIONS, *World urbanization prospects: The 2007 revision*. Nova Iorque: UN-DESA. 2008. consultado em 12.04.10. ver mais em:
<http://www.un.org/esa/population/publications/wup2007/2007wup.html>

ZUKIN, S. *Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder*, in Antônio Arantes (org.), *O espaço da diferença*, Campinas, Papirus. 2000.